

Celso Furtado insiste: a moratória é urgente.

Ao ser homenageado ontem, com um almoço promovido pela Associação dos Dirigentes de Vendas do Brasil (ADVB), o professor de Economia Celso Furtado, ministro do Planejamento do governo João Goulart, voltou a defender a urgência do Brasil declarar a moratória para o pagamento de sua dívida externa, afirmando que "trata-se de recuperar a liberdade de ação que a nossa economia precisa".



Durante o almoço, que contou com a presença de cerca de 200 empresários de diversos setores, foram vendidos alguns exemplares do novo livro de Celso Furtado, "Não à recessão e ao desemprego", que foi oficialmente lançado ontem à noite, no auditório da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, pela Editora Paz e Terra.

Logo na abertura de seu livro, Celso Furtado afirma que "tudo entre nós depende do Estado e este não apenas perdeu o rumo mas está com seus instrumentos de controle e comando seriamente avariados".

Em entrevista coletiva, antes do almoço, ele explicou sua posição sobre o momento atual brasileiro:

— Não se trata de uma crise, circunscrita a certos setores econômicos, de desajustamentos criados por uma conjuntura internacional adversa. É o sistema econômico como um todo que se encontra à deriva. Apenas as atividades especulativas prosperam nesse momento vivido por nosso País.

Os riscos

Celso Furtado lembrou que "não existe iniciativa de novos investimentos reprodutivos e o parque industrial, de que se havia dotado o País, está sendo desmantelado".

— Dá-se como certo que chagaremos ao final do decênio de 80 com um nível de emprego industrial não superior ao que havíamos alcançado no final dos anos 70. Muitos milhões de pessoas se estão adicionando ao exército de subempregados e, ao que tudo indica, a esperança de superarmos o subdesenvolvimento está rapidamente se esvanecendo.

Furtado prevê que "seremos cada vez mais o País que abriga a maior mancha de pobreza do hemisfério ocidental e, isso, depois de termos, durante todo um terço do século, mantido uma das taxas mais altas de crescimento econômico da história de todos os povos e de continuarmos a ser um dos países que enfeixam maior potencial de desenvolvimento".

— Dispomos de enormes quantidades de terras por ocupar, de fontes energéticas abundantes para explorar, de um mercado interno que se coloca entre os dez maiores do mundo, de uma considerável capacidade de produção de bens de capital e de um potencial de criatividade tecnológica só igualado pela Índia, no Terceiro Mundo. Falta-nos apenas vontade para mudar o rumo de uma história, endurecida por anos de autoritarismo e por uma situação de dependência externa que nos reduz a simples mercado complementar das economias desenvolvidas.

O economista entende que "é para aprofundar essa dependência que estamos sendo submetidos a um processo de ajustamento, operação plástica que nos deverá modelar ao gosto dos padrões da nova ordem financeira internacional".

Que fazer?

— Substituir as rodas do trem em plena marcha. Essa velha imagem, afirma Celso Furtado, descreve perfeitamente o desafio com que se defrontarão as forças políticas que se proponham a resgatar o Brasil da crise a que o conduziu o sistema autoritário-tecnocrático.

O ex-ministro entende que "o essencial é recuperar a liberdade de ação, assumir a plena responsabilidade pelos destinos do País, e, nesse sentido, os acordos que o Brasil assinou em janeiro, com o FMI, restringem consideravelmente a liberdade das autoridades nacionais no plano da política econômica. Portanto, nada se pode fazer sem romper essas amarras".

— Trata-se de condição necessária para recuperar as prerrogativas do Estado soberano nas negociações com os credores privados.